

MATERIAL EDUCATIVO E O ATO CRIADOR: A TRÍPLICE POTENCIALIDADE

RENAN SILVA DO ESPIRITO SANTO¹; URSULA ROSA DA SILVA².

¹UFPEl – *renan.ssanto@hotmail.com*

²UFPEl – *ursularsilva@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Este estudo tem como base o projeto de pesquisa desenvolvido no mestrado em artes visuais da UFPEl, que tem como tema “Mediação Atemporal: materiais educativos institucionais e o acervo docente”. Neste texto damos o enfoque para a relação entre o material educativo e seu potencial criador, tendo como base o texto “O ato criador”, de Marcel Duchamp, e pensando acerca do estudo e da produção de materiais educativos institucionais, suas extensões e potencialidades.

A produção de materiais educativos institucionais tem recebido mais visibilidade e importância tanto em pequenos espaços expositivos quanto em grandes eventos, como é o caso das bienais. Entender arte contemporânea implica em leituras e contextualizações que por vezes não se mostram tão evidentes. Ainda que o mediador cultural há tempo não mais é tratado como “tira-dúvidas” – como recorda Ana Mae Barbosa (2009) quanto a 24ª Bienal de São Paulo, onde a interação desse indivíduo com o receptor tratava-se não mais do que meras repetições rasas do material educacional criado pelo curador, servindo como paralelo, por exemplo, a reprodução oral do professor em sala de aula na tentativa de construir momentos de interação com os alunos através dessas “ações educacionais” dos museus para dentro da aula –, seu processo enquanto experiência estética ainda permeia por limitadas temporalidades vinculadas a exposição onde se encontra. Ainda que se pudesse levantar diversos fatores que hoje impossibilitam a presença de uma parcela, no mínimo razoável, de pessoas a frequentar esses espaços culturais, tende-se a questionar arte através da própria arte, enquanto fruição e articulação dessas relações de espaço.

O objetivo desta proposta de análise é aprofundar os estudos sobre a idealização de materiais educativos institucionais uma vez que há uma necessidade crescente de produção, registro e mediação de informações de exposições artísticas/culturais.

2. METODOLOGIA

Para realização dessa pesquisa, que propõe relacionar as potencialidades do material educativo em suas extensões, da produção à reprodução, interpõe-se entre o texto “O ato criador” de Duchamp e a pesquisa em andamento sobre material educativo e o acervo do professor, buscando as relações entre instituições culturais e a educação e a produção, enquanto espaço e condição, do material educativo. Por ser desenvolvida com base em material já elaborado, trata-se, portanto, de uma pesquisa explorativa – por ter, como GIL (2002) diz, “como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” – e de caráter bibliográfico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Pensar o desenvolvimento de materiais educativos por parte dos museus como forma de mediação atemporal e que, desse modo, dê apoio a arte/educadores no desenvolvimento de atividades em sala de aula que possam proporcionar vivências e partilhas, permite refletir sobre uma nova dinâmica dentro do ambiente escolar. Assim como por parte dessas instituições, é relevante (partindo dos professores), a busca constante por novos materiais que possam compor seu próprio acervo pessoal, tendo como finalidade proporcionar um suporte no seu próprio processo de curadoria e mediação cultural/educativa em sala de aula. Em relato sobre a experiência no projeto Diálogos & Reflexões com Educadores, realizado com apoio do Centro Cultural Banco do Brasil, as autoras Ana Mae Barbosa e Rejane Coutinho (2005) sugerem que:

Para a instituição, o investimento neste tipo de produto tem como retorno, entre outros, a permanência do conteúdo da exposição mesmo depois de ela ter sido encerrada, pois o material acaba se tornando uma referência para os educadores, multiplicando e potencializando o acesso a esses conteúdos. (BARBOSA; COUTINHO, 2005, p.15)

A atemporalidade do material educativo pensado e produzido tendo em vista não somente o arte/educador da própria instituição, mas também o arte/educador dentro do ambiente escolar, agrega valor ao acervo desse indivíduo, funcionando assim como uma fonte inesgotável de possibilidades e partilhas. Esse material acaba por potencializar a mediação e ressignificação de sentidos, mesmo que fora da instituição cultural. Leda Fonseca (2018), consultora do educativo da Fundação Iberê Camargo, acredita que o material educativo, ainda que pensado como apoio para determinada exposição, ou seja, uma exposição que possui um prazo de abertura e término, não pode ser concebido pensando-o como algo obsoleto após o cumprimento do tempo dessa exposição. Esse material ainda necessita ser de fácil compreensão, não simples ou de modo que aborde seu conteúdo de modo superficial, mas que instigue e dê sentido ao docente, que o estimule a continuar suas buscas e aprofundamento: “[...] que o material tenha realmente um conteúdo, que tenha uma densidade, um aprofundamento e que possa servir como material de estudo, sempre” (ESPIRITO SANTO, 2018, apêndice - entrevista d). Outras entrevistas realizadas também apontam sobre essa densidade do material produzido. Ainda que grandes exposições como as Bienais de São Paulo e do Mercosul venham trabalhando e dando uma importante atenção a esse material, a produção desses por mostras menores nem sempre são sequer pensadas para tal finalidade:

Há grande aversão por materiais que apenas resumem textos de curadores publicados no catálogo. É uma forma pouco sutil de dizer aos educadores que eles não são capazes de entender o texto do curador ou, pior, que não merecem receber os catálogos. Materiais que trazem um menu de perguntas sobre as obras exageram o questionamento. Nos materiais distribuídos para professores pelos museus, muitas vezes as perguntas são ingênuas, desnecessárias, evidentes e infantilizantes. É preferível fazer perguntas que não se dirigem apenas à leitura da obra observada, mas ao entendimento de questões da arte. A função da pergunta é levar a pensar, estimular associações e interpretações. (BARBOSA, 2009, p. 20)

Ao desenvolver-se um material educativo institucional, como aponta Ana Mae Barbosa, é necessário estimular o conhecimento comum, provocando

perguntas que levem a outras perguntas e que possa, até por vezes, ressignificar os próprios signos do espectador. Essas interpretações resultantes, entretanto, podem não estar diretamente relacionada ao resultado previamente pensado. Há entre o fazer e o receber uma lacuna que não se preenche apenas pelo produtor, como podemos relacionar ao que Duchamp (1957) nos diz, quanto ao processo de criação do artista:

No ato criador, o artista passa da intenção à realização, através de uma cadeia de reações totalmente subjetivas. [...] O resultado deste conflito é uma diferença entre a intenção e a sua realização, uma diferença de que o artista não tem consciência. (DUCHAMP, 1957, p. 73)

Para tentar descrever o fenômeno que conduz o público a reagir criticamente à obra de arte, a processar essa informação, Duchamp cria o que ele chama de coeficiente artístico, descrito como “[...] uma relação aritmética entre o que permanece inexpresso embora intencionado, e o que é expresso não-intencionalmente” (DUCHAMP, 1957, p. 73). Em outras palavras, o que o autor tenta mostrar é algo como zonas de interpretação da obra que o artista não consegue prever. É a partir desse coeficiente, relacionando obra e material educativo, que a mediação desses materiais se potencializa. Como o autor aponta, o ato criador não funciona apenas por parte do artista (produtor), mas é necessário também a presença do público, como receptor e tradutor dessas informações, seguindo seus próprios signos pessoais:

[...] o ato criador não é executado pelo artista sozinho; o público estabelece o contato entre a obra de arte e o mundo exterior, decifrando e interpretando suas qualidades intrínsecas e, desta forma, acrescenta sua contribuição ao ato criador. Isto torna-se ainda mais óbvio quando a posteridade dá o seu veredicto final e, às vezes, reabilita artistas esquecidos. (DUCHAMP, 1957, p. 74)

Podemos observar, portanto, as três etapas do ciclo do material educativo: sua produção, desenvolvimento institucional por meio de um produtor cultural; sua utilização para o qual foi criado, enquanto material de uma determinada exposição, em um espaço e tempo específico que dê suporte ao seu conteúdo; e sua recriação e recreação, quando em sala de aula. As três etapas, para dar conta do coeficiente artístico proposto por Duchamp, necessitam estar em um ciclo de aplicabilidade direta e sensível aos resultados individuais que cada experiência pode vir a promover.

A primeira etapa, da produção desses materiais através de instituições culturais, está relacionada a informações/registro da segunda etapa.

A segunda etapa, da sua inserção e manejo dentro do espaço ao qual corresponde seu conteúdo, relaciona-se ao que se dispõem ao público como registro da experiência, como possibilidade de leitura do todo.

Quanto a terceira etapa, está diretamente relacionada a concepção de acervo pessoal do professor em sala de aula. A utilização desses materiais, ainda que não mais em seus espaços destinados anteriormente, possibilita ao professor revisitar essa experiência, oriunda da segunda etapa, e abrir espaço para discussão e conclusões a partir de um distanciamento temporal, com argumentos e critérios que condizem ao seu próprio presente (não apenas com as especificidades do passado). Por se tratar de um coeficiente que trabalhe com a subjetividade do indivíduo, esse material, que segue à disposição, pode ser

revisitado sempre que necessário, possibilitando novas discussões e conclusões sempre que utilizado.

4. CONCLUSÕES

Através do ciclo proposto a partir do coeficiente artístico de Duchamp, a produção de material educativo deve-se seguir continuamente e levando em conta os demais processos: da produção para a exposição, pensando as informações e visualidade necessárias, e para o professor, pensando as provocações quanto as informações dispostas; da exposição para a produção, como formas de agregar registros da exposição em seu próprio tempo e espaço, e para o professor, como se fazer um espaço escolarizado¹; e do professor para a exposição, promovendo mediações fora do espaço escolar, e para o produtor, retornando as provocações com outras provocações.

Ainda com o andamento do projeto, estima-se (re)pensar a utilização de materiais educativos já produzidos enquanto acervo, suas possibilidades e potencialidades, assim como propostas/estratégias que possibilitem uma melhor fruição entre instituições culturais e professores, não como receita pronta para melhorar esses materiais, mas melhorando o acesso e as relações entre o espaço cultural e a sala de aula, partindo da ideia de se pensar arte pela própria arte dentro de um ciclo constante formado por produtor – público – professor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, A. M.; COUTINHO, R. G.; SALES, Heloisa Margarido. **Artes Visuais: Da Exposição à Sala de Aula**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005. 216p.

BARBOSA, A M; COUTINHO, R. G. **Arte/Educação Como Mediação Cultural E Social**. 1ª ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009. 351p.

BARBOSA, A. M. **Arte/Educação Contemporânea: consonâncias internacionais**. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2010. 432p.

DUCHAMP, M. O ato criador. In: BATTCOCK, G. (Org.). **A nova arte**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. 71-74.

ESPIRITO SANTO, R. S. **Professor-curador-mediador: paralelos da mediação cultural na formação docente**. 2018. 94p. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais) - Curso de Graduação em Artes Visuais, Universidade Federal de Pelotas.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2002. 176p.

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício do professor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2018. 528 p.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. **Mediação cultural para professores andarilhos na cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2008. 164p.

¹ Larrosa, em seu livro “Esperando não se sabe o que: sobre o ofício do professor”, aponta quatro características que julga necessárias para que um espaço se faça, então, escolarizado: o *espaço*, ou seja, uma heterotopia de um lugar público; o *tempo*, uma heterocronia que separa o tempo livre do tempo escravo; a *materialidade*, onde as coisas do mundo, ao reveladas, se transformam em matéria de estudo; e o *exercício*, uma atividade, um procedimento educacional.